



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano III

Abril de 1945

N.º 2

Houve quem, jubiloso, constatasse que, no ano passado, quase todos os primeiros lugares cabiam a membros da C. M. É compreensível este júbilo. Mas, o fato que o causou deveria ser uma coisa absolutamente normal. Para que é que alguém é congregado, se em nada se distingue? Os primeiros lugares são o fruto do fiel cumprimento do dever. E de quem mais se deve esperar o cumprimento do dever, se-

O CONGREGADO E O ESTUDO

não do congregado que tem por programa a santificação própria e alheia, o trabalho concienzoso?

O verdadeiro filho de Maria não frequenta o colégio a contragosto,

somente porque o "Velho" o quer assim, nem faz parte da associação dos gazeadores, não excogita pretextos para "matar" aulas.

O verdadeiro filho de Maria es-

tuda as lições e faz os temas, sem criticar os professores que os passaram, sabe que colar do vizinho ou do amigo não adianta. Estuda as lições, mesmo quando há possibilidades de elas não serem tomadas

Só por ser membro do C. M. ninguém alcançará um bom lugar nas aulas. É preciso ser congregado genuíno. É preciso querer realizar o ideal mariano.

COPILOTO

A revista mariana "The Queen's Work" relata o seguinte fato:

"Eu era ainda novato e tinha que levar comigo, em cada vôo um piloto experimentado. Por esta razão era bastante singular que fosse mandado empreender uma viagem para o norte do Canadá. Como ajudantes vinham comigo um jovem aviador de minha idade e um homem de seus 40 anos, mais ou menos. Depois de termos executado o nosso vôo com pleno êxito, retomamos o caminho para a volta. Foi um dia calmo, mas muito frio. O avião estava provido de combustível e achava-se em perfeita ordem. Tendo feito umas 750 milhas, fomos, de repente, colhidos por uma tremenda tempestade de neve.

Lutamos contra os vendavais; quase não adiantávamos nada. Nosso rádio deixou de funcionar e os demais instrumentos começaram a congelar. Carregando-se as asas com neve e gelo, o avião era difícil de dirigir. As provisões de combustível estavam-se exgotando. Os foguetes soltos por meus companheiros inutilizava-os a tempestade. Não podíamos descer, porque, segundo os nossos cálculos, achávamos-nos voando sobre uma estensa floresta. Aconselhei aos dois outros de saltarem e tentarem sua sorte na tempestade. Relutavam. Não gostavam de confiar-se a um mundo desconhecido de uma ventania desfeita que arrastava tudo consigo. Finalmente, porém, quando tínhamos gasolina apenas para uns

minutos, eles se lançaram ao espaço.

Segurei minha carteira num bolso interior e aprontava-me para pular também, quando meu pé tocou num recipiente num dos lados do avião espalhando artigos de pronto socorro e meu livro de orações. Um santinho de Nossa Senhora caiu do livro. Abaixando-me para o agarrar, parecia-me ouvir uma voz que me dizia: "Não pules! Serás salvo. Segue-me!" Estava tão aturdido que tornei a sentar-me e, automaticamente, peguei nos contrôles. Como se fôsse um ator num sonho, sentia-me forte, sabia que a tempestade não me poderia vencer e que cada um dos meus movimentos estava acertado. A voz ainda parecia falar-me, como se viesse do coração da mesma tempestade que jogava o meu avião de um lado para o outro, qual folha seca. Fiz o aparelho descer, descer

O combustível era tão pouco que o medidor já não marcava. De repente, abriu-se um buraco nas pesadas nuvens e lobriguei um campo e uma cerca de arame farpado. Mecanicamente dei uma volta e assentei o avião sobre o solo, deixando-o deslizar. Parou a uns três metros da cerca.

Desembarquei e pus-me a caminhar ao longo da cerca, sabendo que, de qualquer jeito, encontraria um abrigo. Tendo percorrido uns 500 metros, cheguei a casa de um colono. Expliquei o meu caso ao dono espantado e ele convidou-me

a entrar. Para grande surpresa minha informou-me que eu estava apenas a umas duas milhas de uma aldeia, que tinha aterrizado no único campo livre, existente em toda aquela região, e que tinha efetuado minha descida sob a proteção de um alto outeiro que quebrava a fúria da tempestade.

Meus dois companheiros chegaram ao solo sãos e salvos e acharam a aldeia. Examinamos o nosso avião, fizemos alguns ligeiros consertos nos instrumentos, enchemos os tanques e pusemo-nos a caminho para casa.

Fui promovido e citado por bravura; mas, não posso afirmar que era bravo. Não fossem aquele santinho de Nossa Senhora e a voz mandando-me perseverar, eu teria saltado, como os outros dois.

A experiência deu-me uma nova luz sobre o que significa a confiança em Maria. Invoquei-a mais de uma vez, desde então, e os meus pedidos nunca ficaram sem resposta".

AS VACAS DO PAPA

Por ocasião da sagração do Bispo Monsenhor Deprimoz, o rei Rudahigwa, de Ruanda (África), seguindo a antiga tradição nacional, presenteou o Santo Padre com 29 vacas de chifres compridos. Tal presente significa o reconhecimento de Sua Santidade como soberano reinante; pois somente príncipes que exercem o governo nos seus resp. países, recebem presentes tão valiosos. O príncipe assim distinguido participa, por assim dizer, do poder e dos privilégios reais de Ruanda. S. Excia., o Bispo Deprimoz, observando por seu turno os costumes em vigor, pôs as vacas sob os cuidados da jovem rainha que, dest'arte, tornou-se "pastora do Papa".

LIVROS

SOZINHO. Por Richard E. Byrd. — Companhia Editora Nacional, São Paulo; 1944. — Byrd, o famoso explorador e cientista, descreve neste livro as suas experiências nos gelos da Antártica. Conta-nos as maravilhas do céu austral, a fúria das tempestades incontidas, o frio que faz congelar seus instrumentos meteorológicos. Mais interessante, porém, é o que ele nos diz sobre as lutas contra si mesmo, sobre a ascensão de sua alma que, aproveitando a natureza como escada, chegou ao seu Criador. Aquela solidão de quase seis meses no meio do gelo e da noite polar, quando estava privado de todo auxílio humano, quando os seus aparelhos radiofônicos se inutilizaram, quando gazes venenosos o levaram a um estado de extrema fraqueza, aquela solidão digo, foi para ele um verdadeiro retiro espiritual. Byrd é um exemplo vivo de como a verdadeira ciência, longe de opôr-se à fé, conduz a Deus. "Sozinho" é um livro de grande valor.

DETINOS TRÁGICOS. Por Marguerite Bourcet. — Livraria José Olympio, Rio de Janeiro; 1944. — É de lamentar que não se publicam mais livros como este. "Destinos Trágicos" revela-nos o aperfeiçoamento gradativo do Duque e da Duquesa de Alançon, representantes de duas nações. Ele, católico fervoroso desde sua infância, conserva e refina sua religiosidade através de todas as perseguições e infortúnios. A duquesa, filha de Duques da Baviera, passa sua mocidade num ambiente mundano. A sua prática da religião resume-se num sentimentalismo convencional que se satisfaz com a celebração das grandes festas do ano eclesástico. Mas, a influência discreta do marido, as inúmeras provações e a graça de Deus elevam esta alma escolhida às alturas reservadas aos santos. O livro que nos fala de tudo isto, não é biografia, nem história nem romance; mas, é tudo isto em grau elevado. A leitura deste volume constitui um verdadeiro tônico para todas as almas.

— Outras obras cuja leitura recomendamos: "O Discípulo", por Paulo Bourget; "A Família Oberlê", por René Bazin; "O Papa do Ghetto", por Gertrud von Le Fort. — Todos da B. A. E., Secção: C.